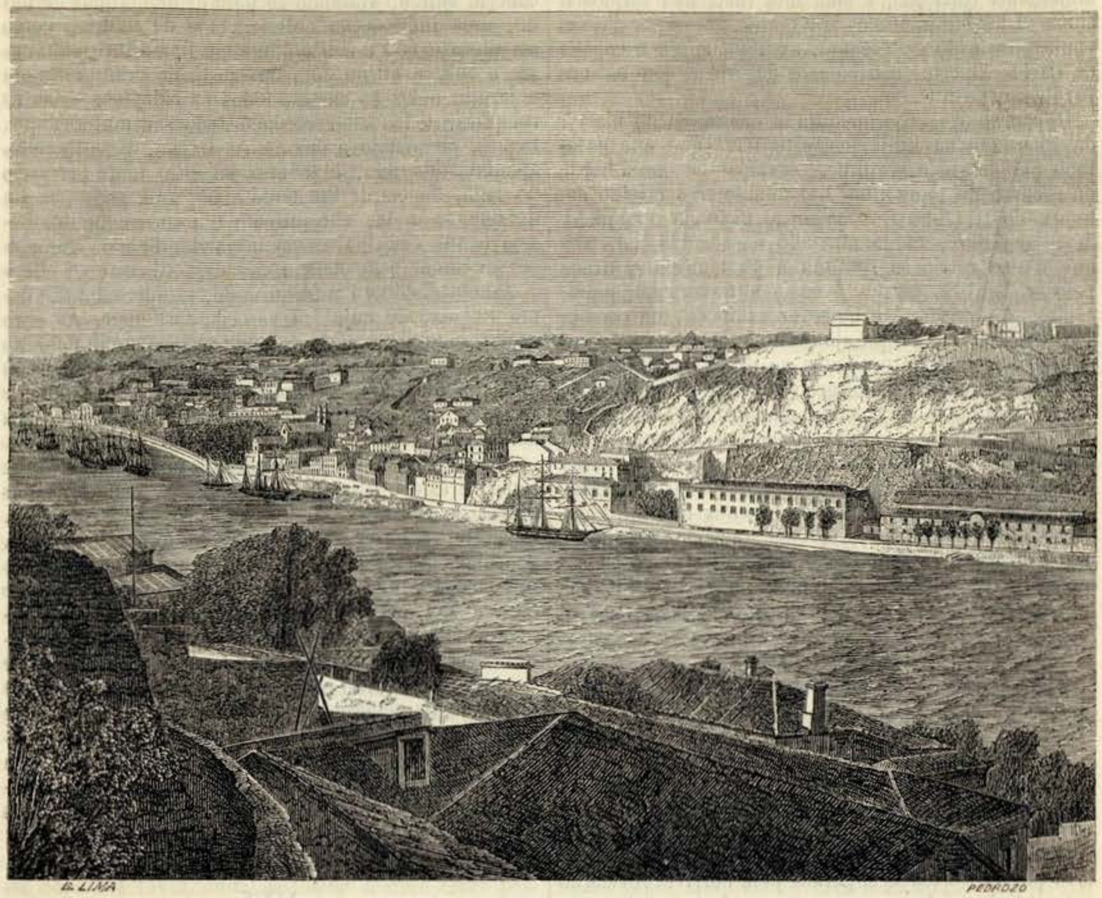


Torre da Marca e Massarellos

Estes dois formosos sitios dos confins da cidade do Porto para o lado de oéste já são muito conhecidos dos nossos leitores. Por varias vezes ahi os temos conduzido, ora para lhes mostrarmos os dois monumentos que se erguem no vasto campo da Torre da Marca, e os panoramas encantadores que d'alli se desfructam; ora para lhes fazermos appreciar a situação amena e deliciosa d'Entre Quintas com os seus bosques de arvores exoticas, e de Massarellos com a sua copada alameda estendida ao longo do Douro.

Agora, apresentando-lhes a perspectiva geral d'esses logares, vista da margem do sul do rio, cumprenos explicar a nossa gravura.

Junto do Douro, e na raiz dos montes que o abrigam do norte, corre a estrada que vae da cidade até á Foz. Os dois edificios grandes que n'ella se vêem são os armazens da alfandega em Massarellos. Pertencem a particulares, a quem a alfandega do Porto paga renda por não ter capacidade no seu antigo edificio da cidade para accommodar os generos que affluem a esta importante casa fiscal.

Logo adiante começa a casaria de Massarellos; parte d'ella guarnecendo a estrada, e estendendo-se por detraz da alameda, em terreno plano, porém mais baixo que esta; e a outra parte trepando por uma quebrada de montes, por onde tambem vae subindo um caminho, estreito, tortuoso, mal gradado, e muito ingreme, que conduz a Villar.

No logar da gravura onde principia a negrejar a alameda, vê-se um templo, com duas torres sobresaindo d'entre as casas que o cercam. É a egreja de Nossa Senhora da Boa Viagem, parochia de Massarellos.

Havia poucas casas n'este sitio ainda no fim do seculo passado; mas tanto tem crescido a povoação, que veiu unir-se á cidade.

Segue-se á alameda um terreiro, no fundo do qual se acha a linda residencia do sr. barão de Massarellos, e á frente do rio a fundição de ferro que toma o nome do sitio.

No logar onde hoje vemos a alameda, as casas que a acompanham pelo lado do norte, e os campos da quinta do sr. barão de Massarellos, existiam no seculo XIII as celebres salinas de Massarellos, celebres pelas demandas que motivaram entre a corôa e os priores de Cedofeita, e entre estes e os bispos do Porto. Achando-se el-rei D. Diniz em Braga, confirmou por alvará de 7 de Julho de 1280 ao *abbade da collegiada de Cedofeita do Porto* [1] *o privilegio do seu couto sobre não se embargar pelos officiaes del-rei tirar-se sal das marinhas de Massarellos*. Depois contestaram os bispos este privilegio como senhores que eram da cidade do Porto.

El-rei D. Affonso V, estando em Evora, fez mercê do titulo de conde de Massarellos a João Rodrigues de Sá, alcaide-mór do Porto, por carta de 29 de dezembro de 1469.

O monte escalvado que se eleva detrás dos armazens da alfandega é de rocha viva. A meia encosta passa a rua da Restauração, que termina na alameda

[1] O alvará dá-lhe o titulo de abbade.

de Massarellos, communicando assim a cidade alta com a estrada da Foz. Na coroa do monte que ainda ha pouco tempo era o largo da torre da Marca, bastantemente espaçoso, e com mui variadas e formosissimas vistas em dilatados horisontes, mas a par d'essas vantagens arido e desegual, avultam agora a capella de Carlos Alberto, e o palacio de cristal com os seus parques e jardins.

O padrão que commemora a passagem do martyr da liberdade da Italia por esta terra que elle escolheu para asylo e sepultura, ergue-se mesmo á borda da escarpa da montanha.[1] O monumento erigido em honra do trabalho levanta-se no meio da planura, e lá se descobre, ainda atrazado na construcção, porque n'esse estado o retratou a photographia, tirada pelo sr. Seabra, de que é copia a gravura que publicámos. Ao presente acha-se proximo da sua conclusão. Os jardins e parque, já muito adiantados na plantação, devem ficar promptos na primavera de 1865. E, finalmente, a inauguração solemne do palacio de cristal portuense será celebrada no dia 21 de agosto do mesmo anno, com uma exposição internacional, segundo foi officialmente annunciado.[2]

A oéste dos jardins e parque do palacio de cristal, seguem-se as casas de *Entre Quintas* e *Villar*, entremeiadas de arvoredos. N'este logar todo o monte está coberto de verdura. No meio d'essas casas sobresáe aquella em que habitou e falleceu el-rei Carlos Alberto.

I. de Vilhena Barbosa.

REGINA

(EPISODIO DAS CONFIDENCIAS)

TRADUZIDO DO FRANCEZ DE A. DE LAMARTINE

(Conclusão. Vid. pag. 325)

XXXIII

Quando cheguei a Nyon, a minha physionomia estava por tal fórma desfigurada pela horrivel revelação que eu tinha a fazer, que nem precisei de fallar. As mulheres que amam tem uma perspicacia rara. Antes de eu dizer uma palavra, Regina sabia tudo. Procurei negar, prolongar a incerteza, dizer que não encontrára cartas em Genebra, que havia de lá voltar d'ahi a dois dias, para esperar pelo correio de Roma. O meu semblante mentia. Regina não se illudiu um instante só. Preluzira-lhe vagamente o fatal acontecimento na fria razão que encontrava, havia tempo, nas expressões de Salucio. Deitou-se a mim, e procurou-me no peito, por baixo do casaco, o masso que eu teimava em lhe esconder. Abriu-o, leu apenas a primeira linha da carta que me era dirigida, e assim que leu estas palavras: *Cumpri o meu dever!* deu um grito de indignação e de colera tal, que eu nunca ouvi similhante vibração senão no rugido de uma leôa! *Villão!* bradou ella deitando para longe de si a carta que lhe era dirigida, sem mesmo a querer abrir. «Mande-lhe outra vez esse papel de despedida, disse-me ella em italiano, nada quero d'elle nem mesmo o sacrificio da sua vida á minha! Por ventura lhe pertenço eu para elle tomar a liberdade de me sacrificar tambem? Crueldade e covardia! Covardia e crueldade! bradava ella espesinhando as cartas maculadas de areia e de lama! Crueldade e covardia de que não quero nem uma só imagem, nem um só vestigio em torno de mim! Não! não! não era digno nem do tremer das palpebras de uma romana! Diga-lhe que vá amar as filhas da neve e da espuma da sua patria! Não quero ouvir fallar em coisa alguma que lhe pertença! Nem no seu nome, exclamou deitando-me um olhar imperativo e sem replica».

Ao dizer estas palavras voou, antes do que correu, á escada, subiu ao seu quarto, abriu a janella, e com os cabellos soltos, com os braços erguidos acima da cabeça, soltou, voltando-se para as montanhas da Italia, uma imprecação entre-cortada de soluços, como se julgasse que o seu amante em Roma lhe podia ouvir a voz, e atirou com um gesto de desespero para o jardim todas as cartas, todos os cabellos, todas as reliquias, todas as recordações do seu mutuo amor. Depois, chamando a sua ama: «Baglia, disse-lhe ella, apanha tudo isso, e deita-o no sitio mais profundo do lago, depois de lhe teres atado uma pedra, a fim de que as ondas não cuspam um só fragmento. Desejava que ellas podessem tragar tambem os seis mezes de amor e de delirio que desperdicei com elle.»

A ama obedeceu murmurando, e indignando-se como Regina, de cuja ira parecia participar. A pobre condessa Livia, pallida e muda, soluçava em cima do seu canapé. Dois sentimentos se combatiam no seu peito: a alegria de recuperar sua neta, de a possuir sempre, e a vergonha de a ver abandonada pelo seu namorado.

Regina, depois d'esse accesso de raiva, deitou-se na cama, e esteve dois dias, sem querer apparecer, nos braços da sua ama, que em vão procurava socegal-a. Encontrei duas ou tres vezes essa mulher na escada, pedi-lhe noticias de Regina. «Toma de novo posse do seu coração, disse-me a transteverina em italiano, e cura a sua colera com o desprezo. Se fosse eu, curava-a com o sangue!» A ama considerava como affronta cruelissima a generosidade de Salucio. E se eu pronunciava essa palavra: «Não, não, não, dizia-me ella, não ha generosidade contrária ao amor! No meu paiz quem ama, ama, e de mais nada quer saber. Os francezes não percebem os corações do Tibre; a agua do seu paiz dilue-lhes os sentimentos. Um romano arruinava e deshonrava a minha joven senhora, mas havia de amal-a a todo o trance.

«Sabe que mais? desprezo esse homem».

XXXIV

No terceiro dia, Regina reappareceu a final mais pallida e mais socegada. Ao ver-me no jardim aproximou-se com um dedo nos labios para me avisar, por esse modo, que não pronunciasse o nome de Salucio. Pareceu impressionar-se profundamente e enternecer-se até, ao ver a expressão de tristeza e de anciedade que me desfigurára a physionomia durante esses tres dias e essas tres noites. «Não se afflija tanto por minha causa, disse-me ella apertando-me a mão, e olhando para mim com uma expressão de solicitude e de confiança, que dizia cem mil coisas que estavam indecisas na sua idéa; a mão que me feriu arrancou ao mesmo tempo do meu coração a setta que lhe vibrou; estou curada. Junto do tumulo de Clotilde não foi Clotilde que encontrei, foi o seu phantasma! Esse phantasma desappareceu! Não, não era o irmão de Clotilde! Tinha as feições d'ella, mas não os sentimentos!»

Depois, largando-me a mão e voltando-se com vivacidade para se afastar de mim e continuar o seu caminho para o lago: «É no seu peito que se abrigam os sentimentos d'ella, disse em voz mais baixa».

Á tarde pediu-me que a levasse a passeiar bem longe, a fim de ver se, extenuando-se a andar por entre os fraguedos, podia, á força de cançaço, recuperar o somno. Obedeci-lhe. Andámos desde as duas horas da tarde até ao cair da noite pelas vinhas, pelos algares, e á sombra dos castanheiros que viçam nas faldas do Jura.

Seus tios, que tinham chegado a Genebra, haviam de vir, no dia seguinte, buscal-a para a levarem para Roma, pela estrada de Valois e de Milão. Parecia que queria prolongar, o mais que lhe fosse possivel, o ul-

[1] Vid. a gravura e artigo a pag. 401 do vol. IV.
[2] Vid a gravura e artigo a pag. 1 d'este volume.

timo dia que passava commigo. Estava tão gentil, tão viçosa, tão impregnada dos raios do sol, tão consubstanciada com essa magnifica moldura do ceo, dos bosques, das aguas, cujo quadro era ella, ella que me deslumbrava n'esse instante, e que havia de sumir-se dentro em pouco; eu era tão novo, tão facilmente impressionavel, tão admirador da sua formosura, que se duas sombras me não defendessem interpondo-se a mim e a ella (a de*** e a de Salucio), não teria resistido a essa fascinação, e teria posto o meu coração aos seus pés, como essas folhas, desprendidas das arvores, que ella pisava andando.

Regina parecia reparar n'isso, e procurar voluntariamente evitar os encontros de olhares e de palavras, d'onde poderia brotar uma confissão ou uma explosão de nossos dois corações. Havia uma incerteza na nossa attitude e na nossa conversação. Fui com ella até ao pateo da casa, sitio em que a sombra dos platanos e das paredes tornava mais cerrada a noite, sem ter esclarecido com uma palavra só o que se passava no meu coração e no d'ella. Eu tinha de partir n'essa mesma noite. Ella parou e voltou-se para mim, antes de subir os primeiros degraus da escada.

— Nunca mais torna a ir a Roma? — perguntou ella com uma voz que tremia anticipadamente receiando a minha resposta.

— Não, respondi eu, não tenho completamente liberdade de acção.

— Onde passará o inverno?

— Em Paris.

Então, pegando-me pela ultima vez na mão:

— Pois eu tenho completa liberdade, e lá irei.

Percebi a accentuação resoluta, inflexivel e apaixonada com que pronunciára esta especie de juramento intimo de nos tornarmos a ver.

— Não, respondi-lhe eu, não vá.

— Hei de ir.

O serão passou-se triste e silenciosamente no quarto da condessa Livia, como acontece sempre entre pessoas amigas na vespera de uma separação eterna.

No inverno seguinte recebi, em Paris, um bilhete, em que Regina me dizia que acabára de chegar com sua avó e um dos seus tios a essa cidade, e que estava residindo no palacio de***.

Foi então que nos tornámos a ver.

M. Pinheiro Chagas.

O CHANCELLER BACON

(Vid. pag. 322)

X

A rainha Isabel seguiu de perto ao tumulo o seu derradeiro favorito. A 24 de março de 1603 cerrava-se, com a morte da rainha, o cyclo heroico, mas sinistro, da dynastia dos Tudors, que, inaugurado pelo conde de Richmond, acclamado com o nome de Henrique VII, sobre o cadaver ensanguentado de Ricardo III, principiára congraçando as rosas funestissimas de York e de Lencaster, e fizera brotar da paz ephemera das facções dynasticas a guerra violenta das consciencias, e o terror implacavel do fanatismo protestante.

A rainha, cruel mas varonil, exterminadora de tamanha parte de seus vassallos, indefessa propugnadora da gloria de sua nação, vinha succeder a dynastia dos Stuarts, esta raça, cujas cabeças a justiça, egualmente dura, do despotismo e da anarchia, duas vezes ungiu no martyrio da realeza.

James I, de Inglaterra, o filho de Maria Stuart, o homem que presenciára de longe o lugubre drama de Fotheringay Castle, o homem que, no throno da Escossia, sabida a morte da sua mãe, á popular indignação que lhe pedia a vindicta do assassinio, respondêra acceitando as dadivas e as desculpas de Isabel; o homem que dera ao mundo o mais triste documento de filho desnaturado, vinha agora occupar o solio de toda a Gram-Bretanha, substituir ao reinado de uma mulher de altos espiritos a affrontosa dominação de um homem afeminado.

Austero puritano, fiel, em quanto reinava em Edimburgo, ao rigido fanatismo presbyteriano, James I consagrava a sua accessão ao throno de Inglaterra com abraçar, sem restricções, a egreja de Inglaterra tal qual a havia cimentado o despotismo de Henrique VIII e de Isabel. As perseguições e os attentados contra a consciencia não desdisseram das do reinado antecedente. O rei Stuart foi talvez mais impassivel na distribuição dos seus rigores, porque entre os puritanos, seus antigos correligionarios, e os catholicos, seus inimigos permanentes, repartia, em balança bem librada, os confiscos, as prisões e o supplicio. A *supremacia* da coroa, este *papado* da força e do direito hereditario opposto ao papado da fé e da eleição, vencêra, no animo de James, todos os receios de cair em apostasia. Esta soberania omnimoda, que empunhava dois gladios, apontados á consciencia do fiel e ao dever de cidadão, esta alliança da coroa e da tiara, do sceptro e do supremo bago pastoral, era a ultima invenção do moderno despotismo, ou, antes, a copia mais perfeita da antiga tyrannia romana, que reunia na cabeça do mesmo Cesar a summa potestade de pontifice e de imperador.

O advento do rei James VI, de Escocia, ao throno de Inglaterra, sob o nome de James I, foi o principio das novas e nascentes prosperidades para a insoffrida ambição de Francisco Bacon. Cortezão incançavel do poder, o futuro chanceller de Inglaterra, foi, como era de esperar, solicito e obsequente em seguir a corte do novo principe, como ao começarem os reinados novos é sempre de uso para os que em o antecedente se acharam mal-avindos com a fortuna.

Foi quasi no principio da nova dynastia de Inglaterra que Bacon revelou as altas faculdades do seu engenho, publicando na sua linguagem vernacula a notavel obra *sobre os progressos das sciencias*, que depois, vertida em latim, teve por titulo *De Augmentis Scientiarum*, obra em que se demonstrava a inanidade dos antigos processos dialecticos, para o descobrimento da verdade nas sciencias de observação, e em que se consagravam os principios fundamentaes e as regras philosophicas do methodo experimental.

O novo exemplo de Bacon confirmou o eminente conceito em que era já tido pelos seus contemporaneos o peregrino talento d'este profundo innovador. O rei James I era homem letrado e erudito. Frouxo como homem, reprehensivel como rei, desanimoso como soldado, James, no engenho e cultura do seu espirito, não desdizia dos dotes intellectuaes da sua raça. Amava as letras como principe, e cultivava-as como auctor. O *Basilikon Doron*, ou *presente real*, dedicado por James I a seu filho Henrique, é ainda hoje o testimunho de que o ultimo rei dos escossezes poderia ter tomado assento nos doutoraes de uma faculdade, se a fortuna lhe não houvera cingido o diadema real. O *Basilikon Doron* é um livro politico e moral, onde o rei de Escossia e de Inglaterra catechisa a Henrique, seu filho e herdeiro de duas coroas, nas temerosas obrigações da magestade christã, e nos graciosos donaires da vida palatina [1]. O rei James poz os olhos da sua graça no já celebrado Bacon, que, então na edade de 45 annos, estava no pleno vigor e florescencia do seu magnifico entendimento.

[1] Chateaubriand, *Essai sur la littérature anglaise*. Paris 1858, pag. 200-211.

Não foi, porém, sem que Bacon o solicitasse por suas proprias rogativas e pela intercessão dos seus patronos, que o primeiro raio do favor real doirou aquella fronte, á qual não bastava a gloria litteraria sem a triste auréola de um poder ephemero e cortado de amarguras. Graças á efficaz protecção do conde de Salisbury e do chanceller Egerton, o rei concedeu a Bacon, em 1607, o cargo de solicitador geral *(sollicitor general, Regis sollicitator generalis)*, officio já eminente, que ainda hoje se numera entre os logares de segunda ordem do ministerio britannico. Não podêmos deixar de copiar aqui estas palavras de um escriptor francez: «É, diz elle [1], reparo tão edificante como affrontoso para todos os homens roidos da ambição, que seja o engenho fecundissimo de Bacon por todos reconhecido e venerado, e que não alcance jámais da corte officio algum que não seja a poder de instancias e complacencias para com os ministros e favoritos».

Uma vez entrado Bacon ao favor do principe, não se esqueceu a fortuna de reparar, na edade varonil do grande philosopho, a avareza com que o tratára na primeira juventude. Nomeou-o successivamente o rei James para os officios de *attorney general*, membro do conselho regio, e finalmente, no anno de 1619, guarda do grande sêllo, chanceller de Inglaterra, a mais eminente magistratura a que possa aspirar, na ordem politica e judiciaria, o mais afamado jurisperito. Tão munificente se mostrou para com elle o animo real, que n'uma carta gratulatoria, escripta por Bacon a James I, lhe dizia o chanceller [2] haver o rei sido para elle tal e tão largo principe, que de repetidas graças o colmára nove vezes, seis vezes de officios auctorisados e tres de dignidades honorificas. Foram estas os titulos de *baronet*, com que o condecorou primeiro, e depois o de barão de Verulam, a que, a poucos passos da sua nomeação de chanceller, se accrescentou o de visconde de St. Alban. Estes foram os favores do soberano, *sem fallar*, diz um biographo latino, *de outras magnificas dadivas e presentes com que a magestade se comprazeu de o galardoar, tanto pelas rendas do grande sêllo, como por verdadeiras doações.*

Chegou pois o chanceller ao seu fastigio. Quantos ouropeis, mal doirados, póde o mundo conceder ao verdadeiro merito e á falsa reputação, á virtude ou á fortuna, aos heroes e aos cortezãos, todos vieram endeusar a vaidade do novo chanceller, pequeno então no meio das suas pompas e grandezas, só verdadeiramente grande quando a morte o obrigou a despir a remendada mortalha do mundo para lhe vestir a tunica inconsutil da gloria.

Para que desejava aquelle espirito sublime o accesso facil dos paços? Para que invejava os officios e magistraturas? Para que ambicionava os titulos que mudam os nomes que a immortalidade não deixa chrismar? Ó fraqueza dos grandes engenhos! Ó vaidade louca com que o oiro quer ser metal commum, a perola desdenha o que é, para se trocar em conchinha mais luzente mas vulgar, o diamante se tem um pouco para invejar a sorte das falsas pedrarias! Pois não haverá em Londres, na *city*, tantos chatins enriquecidos no seu trato, para que lhes cáia bem um titulo? Não ha por ahi tantos mercadores de opiniões, d'estes que andam já em vida a vingar-se da posteridade que os ha de esquecer? Pois não ha ahi tantos nomes obscuros e ingratos á pronuncia, que vos agradeceriam um dictado nobiliario? Para que nos ides estragar um nome que ha de ser um dia glorificado no breviario das sciencias? Quando um homem se chama Bacon, Newton, Laplace, Victor Hugo, para que ides assentar diante do esplendor d'aquelles nomes os vossos heraldicos *abat-jours*, que a humanidade arranca ainda em vida dos heroes, porque lhes destina um titulo mais honroso e mais luzidas preeminencias, d'aquellas que se não registam em corruptas chancellarias? Platão e Homero chamaram-se com estes nomes, que a humanidade culta reverenceia. Um homem pensador é uma idéa viva. E as idéas aquilatam-se na razão da humanidade, não se taxam na balança dos validos, nem na munificencia dos potentados.

A posteridade vingou a affronta. Esqueceu o ephemero lord, o visconde, o chanceller, e honrou, sob o nome laconico de Bacon, o philosopho immortal. O engenho, que viera de Deus, ficou para sempre vivaz e reverenciado. As grandezas que os reis chovem, tantas vezes, sem razão, o vento que as juntára, esse mesmo as desbaratou, mudada a voltaria face da fortuna.

Quaesquer que fossem os erros e as fraquezas de Bacon, o austero pensador vivia sempre no submisso cortezão. Dos cargos eminentes, que lhe pesavam sobre os hombros, sempre lhe ficava lazer com que ir meditando a sua dilecta philosophia. Colono forçado a improbes lavores, na terra ingrata da corte e do poder, sempre lhe sobejava dos seus ostentosos misteres alguma hora em que ir amimando, em canteirinho ignoto, a flor mimosa da sua gloria verdadeira.

(Continua) J. M. LATINO COELHO

BRAGA

EGREJA DE NOSSA SENHORA A BRANCA

O arcebispo primaz D. Diogo de Sousa, no tempo em que esteve em Roma, tinha particular devoção com uma imagem de Nossa Senhora que apparecêra sobre o monte Esquilino no momento em que se cobria de neve, e que por esta circunstancia recebeu a invocação popular de *Santa Maria ad Nives* (Nossa Senhora das Neves), construindo-se-lhe um templo no proprio logar da apparição.

Voltando a Portugal trouxe o pensamento de erigir, na sua cidade de Braga, uma egreja em honra da Virgem, para commemoração d'aquelle milagre e da muita devoção que lhe inspirára a santa imagem.

Logo depois da sua chegada a Braga, escolheu o arcebispo para a edificação do templo um terreno contiguo ao campo de Sant'Anna, que então limitava a cidade do lado de léste. Fundou pois a egreja aproveitando-se de um torreão antigo que alli havia, e como o terreno em volta era desegual e montuoso, mandou-o aplanar, formando uma espaçosa praça.

A egreja foi consagrada a *Nossa Senhora das Neves;* mas o povo começou a denominal-a *Nossa Senhora a Branca*, porque é esta a côr de seus vestidos.

Effeituou-se esta fundação nos principios do seculo XVI.

Com o decorrer do tempo veiu a povoar-se o sitio, guarnecendo-se com casas o terreiro, que se ficou chamando, *campo de Nossa Senhora a Branca.*

Na primeira metado do seculo passado foi esta egreja reedificada, e muito augmentada pela confraria da mesma Senhora, a qual sempre foi numerosa e rica, contando entre os seus membros as pessoas principaes da cidade.

Ergue-se este novo templo no meio do campo. Singelo na sua architectura, acha-se comtudo bem decorado interiormente. Além da capella-mór tem dois

[1] Naigeon. Art. *Bacon* na *Encyclopédie méthodique-Philosophie*, t. I, pag. 294.

[2] Talem illum fuisse erga se dominum agnovit, qui repetitis subinde favoribus novies cumulasset, ter honoribus, sexies autem officiis. Bacon Oper. Omnia. Francofurti ad Mœnum. 1665. Bacon. Vita p. 2.

altares collateraes. No do lado do evangelho está o passo do nascimento de Christo, e no da parte da epistola o passo da adoração dos reis. Possue ricas alfaias, e algumas peças de valor, que abrilhantam as festas que alli se fazem, principalmente a da padroeira, que se celebra com muita pompa no dia 5 de agosto.

O campo de Nossa Senhora a Branca faz continuação ao de Sant'Anna, de modo que parecem ambos um vastissimo campo, estreitando para a extremidade de léste.

I. DE VILHENA BARBOSA.

PALACIO REAL DE CINTRA

(Conclusão. Vid. pag. 279)

V

Difficil empenho será o de assignalar as obras emprehendidas no paço de Cintra por el-rei D. Duarte, pois que no seu curto reinado não se introduziu na architectura modificação alguma que a fizesse differençar da que vogou sob o governo de seu pae, el-



Egreja de Nossa Senhora a Branca, em Braga

rei D. João I. Nos fins do reinado de seu filho, D. Affonso V, é que principiou a degeneração do estilo *gothico puro*, a qual progrediu no tempo del-rei D. João II. Todavia, não vemos n'aquelle paço coisa alguma que apresente uma feição caracteristica d'esse periodo da arte. Se estes dois ultimos monarchas, nos trabalhos que alli mandaram executar, deixaram alguma obra ornamentada, que podesse servir de typo architectonico, desappareceu, certamente, ou sob as reedificações del-rei D. Manuel, ou debaixo das ruinas do terremoto de 1755.

A D. João II succedeu el-rei D. Manuel, em cuja epocha se completou aquella degeneração, que constituiu o estilo *gothico florido*, tambem chamado entre nós *manuelino*, e que, pela mistura de muitos estilos diversos, serviu de transição da architectura gothica para a *classica*, ou do *renascimento das artes*.

El-rei D. Manuel foi, depois de D. João I, o soberano que maiores obras fez no palacio de Cintra. Não é preciso designar essas obras. Designam-se ellas a si proprias. D'aquellas janellas tão brincadas, onde se enlaçam delicados troncos em graciosos feitios; do *portal das damas*, formado de silvados, flores, fructos, e de arabescos de imaginosas invenções, resalta o nome do *rei afortunado*.

Todo este luxo de esculpturas é exterior. Interiormente reina a maior singeleza de construcção em todas as salas, não porque D. Manuel fosse inimigo do fausto, nem porque regateasse o que podia contribuir para o esplendor da sua corte, mas sim porque os costumes portuguezes, tanto n'essa epocha como anteriormente e posteriormente, até ao fim do seculo passado, faziam consistir todo o luxo dos aposentos na riqueza das tapeçarias e das alfaias. As paredes não ostentavam, de ordinario, outro genero de ornato. Era raro ver um painel que não fosse nas capellas ou oratorios particulares, nas salas que as precediam, ou, quando muito, nas ante-camaras. Nos tectos, porém, não havia a mesma singeleza. Prodigalisavam-se n'elles as decorações em pintura, doiradura, e simplesmente em talha relevada. N'esta trabalhava-se em Portugal com muita perfeição no tempo del-rei D. Manuel, como se póde julgar á vista das cadeiras do côro de varias egrejas, e de muitas capellas tambem de talha, mas doirada.

E comtudo, não se encontra no paço de Cintra um

unico tecto de merecimento artistico, nem mesmo rico, em qualquer d'estes ramos da arte. Segundo diz um nosso escriptor antigo, Antonio Coelho Gasco, o qual se dedicou ao estudo das antiguidades de Lisboa, continha aquelle paço *umas salas mui grandes e formosas todas doiradas com varios remates e curiosos laços de moldura*. Nenhuma existe, porém, a que possa quadrar esta descripção. Se este escriptor não foi exaggerado, chamando *todas doiradas* ás salas que ainda mostram algumas doiraduras nos tectos, de certo foram aquellas salas destruidas pelo terremoto de 1755, ou transformadas pela reconstrucção que se seguiu a este cataclismo.

D'entre as obras feitas por el-rei D. Manuel sobresaem, interiormente a *sala das armas*, e exteriormente, além das janellas floreadas, um lindo portal todo ornamentado de graciosas esculpturas em alto relêvo. Fica este portal um pouco recolhido debaixo de um arco que se abre no corpo da fachada principal, onde avultam, repartidas nos dois andares, as seis mais formosas janellas d'esta frontaria. Este portal dava ingresso para os quartos das damas.

A *sala das armas* é attribuida geralmente a el-rei D. Manuel. O seu chronista, Damião de Goes, diz no cap. LXXXVI: *Mandou ver todalas sepulturas do regno para dellas se notarem as armas e insignias e letreiros que nellas havia, das quaes armas mandou nos paços de Sintra pintar todolos escudos, com cores e timbres em hua formosa sala que pera isso mandou fazer*...

Todavia, apesar d'isto ser dito por um escriptor contemporaneo, temos alguma duvida em acreditar que a dita sala fosse construida completamente por el-rei D. Manuel, porque as janellas não pertencem ao estilo de architectura usado em seu tempo, e do qual se conservam no mesmo paço os bellos *specimens* de que acima fallámos. Aquellas janellas revelam, em nossa opinião, uma epocha anterior á introducção do estilo gothico-florido. Partindo d'este principio, conjecturâmos que essa parte da sala é obra del-rei D. João I, e que D. Manuel, reconstruindo-a, deu-lhe mais elevação, e lhe mandou pintar no tecto os escudos de armas, de que a mesma sala tira o seu nome. Os nossos auctores antigos, já o temos dito, e repetiremos agora, não curando da historia das artes, nem sequer de colligirem materiaes para ella, muitas vezes chamam fundação ao que é simplesmente reedificação. O mesmo Damião de Goes diz, tambem na chronica del-rei D. Manuel, que este soberano fez a egreja de S. Julião, em Lisboa, quando é certo, e consta de documentos, que apenas fez uma reconstrucção grande, mas não *á fundamentis*.

A *sala das armas* é a ultima do palacio para o lado de oéste; é a que, por um lapso de memoria, denominámos *sala das pégas* a pag. 280. Esta tem janellas só para o lado da serra, e nas quaes se vê o mesmo estilo de architectura das da *sala das armas*.

El-rei D. Manuel, que ao mesmo tempo que procurava dilatar os dominios da sua coroa, e estender a gloria do nome portuguez, tratava de colligir as leis do reino, fazendo-as publicar em um só corpo, e reformava os antigos foraes das cidades e villas, ou os dava ás que os não tinham, lembrou-se tambem de tirar a heraldica portugueza do chaos em que jazia. Para este fim mandou investigar em todos os templos do paiz as sepulturas que tinham gravados brazões de nobreza, insignias e letreiros, como diz o seu chronista, e, depois de tirados e recolhidos os desenhos de todos, ordenou que se fizesse d'elles um livro, e que tambem fossem pintados no tecto de uma sala do paço de Cintra.

Não foi este passo um simples desejo da curiosidade, nem uma ostentação vaidosa de soberano que zela o lustre da sua corte. Foi principalmente um pensamento politico, tendente a exaltar e premiar os nobres que n'essa epocha davam ao paiz e ao mundo os mais sublimes exemplos de amor de patria e de dedicação ao rei, acceitando e levando ao cabo gloriosamente, á custa dos maiores sacrificios, e de todo o genero de perigos, emprezas grandiosas e arriscadissimas.

No centro do tecto da dita sala vêem-se as armas reaes, e em volta d'ellas, primeiramente as do principe D. João, que depois foi rei, 3.º do nome; e as dos infantes seus irmãos, D. Luiz, duque de Beja; D. Fernando, duque da Guarda; D. Affonso, cardeal; D. Henrique, cardeal, e mais tarde rei; D. Duarte, duque de Guimarães; D. Isabel, que veiu a ser imperatriz da Allemanha pelo seu casamento com o imperador Carlos V; e D. Beatriz, que casou, em vida de seu pae, com o duque de Saboya. Depois seguem-se, em tôrno d'estes escudos de armas, 74 brazões de familias nobres. Todos conservam as côres vivas, menos dois, aos quaes foram apagadas. Eram os brazões do ultimo duque de Aveiro, e dos marquezes de Tavora, justiçados em 1759 pelo crime de attentado contra a vida del-rei D. José.

Figuram pender os brazões do collo de veados. Na parte inferior de toda esta pintura lêem-se os seguintes quatro versos, escriptos em grandes letras de oiro, e correspondentes ás quatro paredes da sala:

«Pois com esforços e leaes
Serviços foram ganhados,
Com estes e outros taes
Devem de ser conservados».

Não encerra este tecto, nem n'elle cabiam, os escudos de armas de todas as familias illustres de Portugal n'essa epocha. Mas alli se encontram os de todos os fidalgos que n'aquelle tempo se distinguiam por serviços ao rei e á patria.

Das janellas d'esta sala desfructam-se mui formosas vistas da serra de Cintra, correndo para o lado de Collares, eriçada de penhascos, e com o dorso coberto de bosques; do fresco valle onde corre em distancia o rio das Maçãs; do Oceano, e de infinitas cordilheiras de montanhas.

El-rei D. Manuel fez communicar esta sala com a capella, dedicada ao Espirito Santo, por uma escada que desce para ella, e que conduzia tambem ao terreiro chamado *Meca*. A capella, cuja primeira fabrica era obra del-rei D. João I, tem tido reedificações por vezes. Em uma d'essas reconstrucções cobriram com estuques a pintura primitiva do tecto, que, embora não fosse um primor de arte, por quanto no seculo XV achava-se a pintura ainda em muito atrazo entre nós, devia comtudo conservar-se como monumento de uma epocha de que nos restam tão poucos *specimens* d'este ramo da arte.

O terreiro que denominavam *Meca*, desde remotas eras, é ainda hoje conhecido por este nome, porém não está como outr'ora no recinto dos muros que fecham os pateos e mais terrenos pertencentes ao paço. Actualmente acha-se de fóra dos ditos muros.

Nos reinados posteriores a D. Manuel até D. José I, não se fizeram obras n'este palacio, que apresentem um estilo de architectura por onde se possam classificar, salvo algumas reparações, e mesmo modificações interiores, porém de pouca importancia.

A *sala do conselho*, memoravel pelo ultimo que ahi teve el-rei D. Sebastião pouco antes da sua fatal jornada de Africa, é anterior ao reinado d'este monarcha. É uma pequena sala com assentos revestidos de azulejos, entre os quaes avulta uma cadeira de braços com egual revestimento, que era o modesto logar do soberano.

Do cardeal rei D. Henrique ha alli uma memoria.

É uma rica chaminé de marmore que foi offerecida por um papa a este soberano, e que ha muito quem diga que teve por esculptor a Miguel Angelo Bounaroti, tão celebre tambem como pintor. Achava-se esta chaminé no palacio real de Almeirim, onde a mandára collocar o cardeal rei; porém, ficando arruinado este paço pelo terremoto de 1755, o marquez de Pombal mandou-a transportar para Cintra, e assentar em uma das salas do paço.

D'esta epocha achou-se um prato de baixella pertencente ao cardeal rei em um caminho subterraneo, que se descobriu em tempos modernos, por occasião de se fazerem alli excavações para obras.

Ha um pateo no centro do palacio, que não obstante estar cercado e ornado de edificações affeiçoadas á moderna, é comtudo de antiquissima origem. É o pateo lageado, e tem no meio um lago com repuxo coroado por uma pinha toda crivada de buraquinhos, por onde sáe, abrindo-se certo registo, copiosa chuva, e com tanta força impellida, que molha todo o pateo. No fundo d'este, a um lado, está a *casa do banho*. É uma casa lageada, de abobada, toda revestida de azulejos, com assentos em volta, e por entrada um arco de cantaria, bastantemente largo, e pouco elevado. Abrindo-se um registo que fica dentro do palacio, cae abundante chuva da abobada e paredes d'esta casa, saindo a agua de todas as juntas dos azulejos por imperceptiveis crivos. A um dos lados do pateo está um grande tanque contiguo a uma parede, em que se abrem tres ou quatro janellas de sacada, muito chegadas ao tanque. O pavimento d'este pateo fica muito superior ao que dá entrada para o paço.

A *casa do banho*, apesar de muito alterada na sua construcção primitiva, é, como em outro logar observámos, uma das provas da origem arabe d'este palacio. Assim tambem o é essa abundancia de agua e distribuição de lagos e fontes nos pateos, nos jardins, e até nas proprias salas do paço; pois que interiormente conta 18 fontes. Porém, todos os vestigios de architectura antiga desappareceram dos edificios d'este pateo, uns sob as reconstrucções del-rei D. Manuel ou dos reis seus antecessores; outros, no reinado de D. José I, em que se reedificou o que o terremoto de 1755 destruiu.

Este cataclismo causou graves prejuizos no paço de Cintra, derrocando varios corpos centraes das suas fachadas. As janellas, de architectura moderna e completamente nuas de adornos, que estão interrompendo em diversas partes aquellas galerias de janellas tão airosas e brincadas, denunciam as obras de reedificação da epocha del-rei D. José. Se considerarmos nos monumentos que assim se adulteraram e mascararam, por essa occasião, com mesquinhos remendos, diremos que foi uma epocha bem triste para as artes. No paço de Cintra, como nos templos da sé de Lisboa, de Belem, e da antiga misericordia, ao presente egreja da Conceição Velha, commetteram-se actos de incrivel barbarismo, verdadeiros escandalos da arte, que só acharão desculpa no muito que era mister fazer em pouco tempo para levantar das ruinas tantos edificios prostrados n'um dia aziago.

A primeira sala que alli serviu de carcere a el-rei D. Affonso VI, além do interesse historico que inspira a sorte d'este desditoso monarcha, nada encerra que mereça menção. O unico objecto que alli attrahe a attenção é o ladrilho gasto pelo continuo passeiar do prisioneiro, desde o logar em que tinha a cama, até á janella onde ia espreitar para a serra a ver se descobria o seu antigo valido Conti, que de vez em quando lhe ia fallar por acenos das muralhas do castello dos moiros, e nutrir-lhe esperanças de liberdade e vingança. Para evitarem este misero desafogo mudaram-n'o para outro quarto, onde falleceu depois de ter tambem gastado os ladrilhos do pavimento com o andar agitado de desesperação. Em uma das paredes d'este quarto lá se vê ainda uma estreita fresta, que deita para o coro da capella, e d'onde o pobre D. Affonsa VI ouvia missa sem ser visto de pessoa alguma.

A cozinha é digna de mencionar-se pela sua grandeza, e pelas duas altas chaminés, de fórma conica, que se erguem do meio d'ella.

Conta este palacio varios jardins, em bastante elevação, e superiores uns aos outros, todos com seu lago de repuxo perenne, e desaffrontadas vistas para o lado da villa e da serra. Não tem quinta, mas cercam-n'o espaçosos terreiros. Um d'estes é o pateo da estrada, para onde deita a frontaria principal do palacio. Adorna-lhe o centro um grande e bello chafariz de marmore, e guarnece-lhe o lado em frente do paço uma correnteza de casas, que são aposentos de criados. Entra-se para este pateo por um portal de obra antiga, flanqueado de muros coroados de ameias. O portal dá para a praça da villa de Cintra, onde se levanta o gothico pelourinho todo coberto de esculpturas.

O terreiro que fica detraz do palacio é hoje um bosque espesso, mandado plantar pela rainha a sra. D. Maria II, de saudosa recordação. N'estes terreiros fizeram-se antigamente pomposas festas de torneios, cannas, e corridas de toiros; e no logar onde então era o jogo da pella, celebrou-se, com muita solemnidade, a acclamação del-rei D. João II, por morte de seu pae, el-rei D. Affonso V.

A gravura que publicámos a pag. 225 foi copiada de uma bella photographia de grandes dimensões tirada pelo distincto photographo o sr. Silveira.

I. DE VILHENA BARBOSA.

MEMORIA DO VOTO DE D. AFFONSO HENRIQUES NA SERRA DE ALBARDOS

(Conclusão. Vid. pag. 311)

II

Posto que deixasse no anterior artigo assás comprovado, com o testimunho de mais de um escriptor, o voto de D. Affonso Henriques feito na serra de Albardos, em sua jornada para a tomada de Santarem, comtudo citarei ainda mais o de outro, de não menor credito nos annaes portuguezes, para com elle certificar a feitura da memoria d'aquelle acontecimento no local onde ainda hoje existe, de que se occupou o meu humilde lapis no desenho que representa a estampa, e da commemorativa inscripção destinada a transmittir á posteridade a causa e o anno.

«Depois da partida de Coimbra (diz o chronista), a primeira noite foram dormir a Alfafar, e d'ahi fizeram segunda jornada a Dornellas, onde chegou a elle seu irmão D. Pedro Affonso, que vinha d'Entre Douro e Minho, com o qual el-rei se alegrou muito, assim pelo grande amor que lhe tinha, etc.

Teve el-rei em Dornellas conselho... e decidiu-se que fosse um fidalgo em nome del-rei levantar as pazes aos moiros de Santarem, pelo estilo que se então costumava, que era denunciar-se a guerra tres dias antes de se começar. Para este effeito mandou el-rei a Martim Moab, e outros dois (como elle proprio diz em seu testimunho, dado que Duarte Galvão affirma que foi Mem Moniz seu capitão da guarda). D'aqui se foi el-rei dormir ao logar de Adegas, onde Martim Moab e seus companheiros o acharam vindo já de quebrar as pazes, e publicar guerra aos moiros, e detendo-se alli a quarta feira, se partiram á quinta pouco depois da meia noite, e se alojaram na serra de Albardos; e como ao romper da madrugada fosse el-rei praticando com seu irmão D. Pedro, fallando-lhe este nos muitos mi-

lagres que estava fazendo S. Bernardo, D. Affonso lhe fez um voto ou promessa, dizendo:

«Senhor Deos, em cujas mãos se facilitão as couzas impossiveis ao esforço dos homens, se vós pelos meritos do vosso servo Bernardo me derdes Santarem, em vossa presença faço solenissimo voto de dar todas as terras que vejo d'este monte aguas vertentes ao mar, para nellas se fazer um Mosteyro de sua Ordem, no qual vosso nome seja louvado. É daqui as renuncio em vossas mãos, e parto do meu Senhorio, para que eu nem meus successores não possamos nellas dar nem dotar couza que não seja para o proprio Mosteyro».

Acabadas estas palavras, que não foram desacompanhadas de algumas lagrimas de devoção, por Divina permissão foi revelada ao nosso padre S. Bernardo a necessidade do rei, e o voto que tinha feito».

Alguns affirmam que na noite seguinte appareceu N. P. S. Bernardo a el-rei D. Affonso, e o certificou da victoria que havia de alcançar, e, ou em sonhos ou velando, lhe deu a mão de cumprir o que promettia e lhe pedia para cumprimento do voto; e parece confirmar este apparecimento, além da tradição vulgar e immemorial que temos em Alcobaça, um passo de figuras de vulto mui antigas, que está no remate do côro do proprio mosteiro, e outro em uma formosa vidraça, de tres que estão no capitulo, onde está este passo ao natural, e el-rei com a mão dada ao santo; e as mesmas figuras andavam pintadas ao antigo em um livro de pergaminho escripto na era de 1203, que foi em tempo mui chegado a este; d'onde parece que não tem a tradição pequenos fundamentos, posto que não é tão infallivel como a revelação do nosso padre S. Bernardo, de que temos muitas memorias, e os confirma o nosso padre fr. Athanasio de Lobeyra na vida de S. Froilano, que compoz com muita erudição e bom estilo, e hoje em dia se vê no alto do monte, onde se fez o voto, um arco triumphal de pedraria; e para se saber a causa de tal edificio, e se não perder a lembrança que alli passára, me mandou o reverendissimo padre fr. Francisco de Santa Clara, D. abbade do proprio mosteiro, e geral dignissimo de toda esta congregacão, compor um letreiro em latim, com tenção de se abrir no mesmo arco, e cuido que por inadvertencia não é ainda aberto, cuja traducção é a seguinte:

«Indo el-rei D. Affonso o primeiro de Portugal para ganhar Santarem, fez neste proprio lugar hum voto a Christo, de dar tudo quanto via com os olhos d'alli até o mar á Ordem de Cister, se ajudado com os merecimentos de N. P. S. Bernardo ganhasse a villa. E alcançando-lhe o Santo o que pedia, cumprio el-rei seu voto, donde resultou a fundação do Real Mosteyro de Alcobaça; o Senhorio do qual começa d'este lugar, e se acaba na praia do mar. Acontecerão estas couzas todas no anno de 1147, aos 13 de Maio em uma quinta feira». [1]

Agora o mais humilde escriptor, eu, que visitei, no dia 24 de junho ultimo, este historico monumento, e que me propuz descrevel-o tal qual se acha.

Levanta-se este respeitavel padrão da conquista da monarchia portugueza, memorando um dos mais gloriosos feitos do conquistador, entre humildes mattos, e na summidade de um pequeno oiteiro, proximo a outros mais elevados, que em differentes ramificações se prendem com essa maxima cordilheira, que, principiando na serra de Cintra, se encadeia com a do Montejunto, e vae terminar no da visinha Hespanha.

É esta triumphal memoria de pequena extensão e altura, mas grande pelo feito que representa. Não excede a cinco metros, com pouco mais de extensão, e um de topo, sendo todo de pedra lavrada.

Em torno é orlado de uma pequena e simples cimalha, sobre a qual, entre duas grossas pyramides, se ergue a estatua do grande Affonso seu edificador. É de altura regular, e apesar do curso de sete seculos, tem sido respeitada, até pela destruidora acção do tempo. Embora esculpida com pouco esmero artistico está em attitude bellica e elegante; veste capa e manto, capacete exagonal com plumas; no braço esquerdo o escudo com as quinas e castellos, e com a dextra empunha a espada. O arco, de volta perfeita, terá quatro metros de altura, e egual largura, sendo pelas arestas até aos capiteis guarnecido de cordões e meias canas.

A inscripção já citada nunca se chegou a gravar, tendo apenas no collo da cimalha a seguinte: — *O sancto rei Dom Afonso Henriques fundador de Alcobaça.*

Está este glorioso padrão perto da aldeia dos Vidaes, e da bella quinta do Val-Verde (proximo a uns casaes denominados *do Rei*, a que provavelmente deu o nome), na extrema do concelho das Caldas da Rainha, d'onde distará uns doze kilometros, pertencendo outr'ora ao grande concelho de Obidos.

Entre os povos da localidade e circumvisinhanças, é inteiramente desconhecido o nome da serra de Albardos, dando-lhe o de serra de Rio Maior, por ficar não mui distante d'esta villa, e das suas celebres bocas, das quaes ainda tenciono fallar. Chamam elles a este arco *o rei da memoria*, nutrindo fabulosas opiniões, filhas da sua ignorancia, e dão interpretações vagas e até absurdas sobre a origem d'este monumento.

A respeito da etymologia do nome d'esta serra, diz Jorge Cardoso: «Albardos, serra a que alguns chamam Alvados, ou para encobrir o feio nome de Albardos, ou por causa de *muitos penedos que ao longe alvejam*».

Faz menção do monumento, a que diz chamam o *Arco da Memoria*, do voto de D. Affonso, e da sua estatua.

Esta vetusta memoria tem, através de setecentos annos, revelado á posteridade a fé robusta, e religiosa crença do nosso primeiro rei, e o divino auxilio por ella obtido na ardua empreza a que se arrojou.

Tal é a historia da jornada que precedeu a conquista scalabitana, a qual se resume nos seguintesversos:

«Das margens do Mondego pressuroso,
Partindo o grande Affonso, em breve tempo,
Dos Albardos a serra atravessando,
Confiando no ceo que a justa causa,
Porqu'elle combatia, protegesse,
Bem resoluto está de por assalto
Escalar Santarem, ou morrer n'elle.» [1]

Obidos. Setembro de 1863. P. DE C. E SEQUEIRA

NOTA

Cumpre advertir aos menos lidos nas modernas investigações historicas, que tudo quanto o nosso collaborador acaba de referir, sobre o voto de Affonso Henriques, é tradição piedosa, porque tal voto foi invenção dos frades bernardos, como provou, em 1793, fr. Joaquim de Santo Agostinho na *Memoria sobre os Codices de Alcobaça;* J. Pedro Ribeiro no t. I pag. 54 das suas *Dissertações Chronologicas e Criticas;* o sr. A. Feliciano de Castilho nos *Quadros Historicos*, nota ao da tomada de Santarem.

Quem quizer certificar-se da falsidade do documento em que os cistercienses fundavam a tradição do voto da serra de Albardos, leia, além das obras citadas, o *Exame Critico sobre a Memoria de Fr. Joaquim de Santo Agostinho ácerca dos Manuscriptos de Alcobaça;* e *Resposta* a este opusculo pelo auctor da *Memoria;* as *Breves Reflexões á Hist. Chron. da Abbadia de Alcobaça*, por J. Pedro Ribeiro; e as respostas do auctor da citada *Hist.*, fr. Fortunato de S. Boaventura, a João Pedro Ribeiro. SILVA TULLIO.

[1] Fr. Bernardo de Brito — *Chronica de Cister.*

[1] Affonceida pelo sr. José Maria Affonso.